

GIL AOS 70

Makely Ka



Gil chega aos 70 completando o ciclo de uma das trajetórias mais produtivas da cultura brasileira com um dos shows mais bonitos e representativos da carreira! Com um formato incomum: violões, guitarra, violoncelo, violino, percateria e MPC, ele apresentou com a serenidade e vigor peculiares um repertório irrepreensível: Oriente, Lamento Sertanejo, Viramundo, Expresso 2222, Futurível, Domingo no Parque, Estrela, Andar com Fé, fugindo dos lugares comuns tanto nos arranjos quanto na escolha difícil entre algumas centenas de possibilidades.

O filho de Dona Claudina está explorando mais o grave de sua voz, provavelmente resultado de uma mudança provocada pelo tratamento do calo nas cordas vocais aliado a uma maturação natural do aparelho, conseguindo um resultado muitas vezes inusitado para

quem está acostumado com os rasgos de improviso e falsete nas alturas. Essa profundidade atingiu o ponto de mutação na versão absolutamente minimalista de "Não Tenho Medo da Morte", quando permaneceu sozinho no palco, utilizando o violão apenas como acompanhamento rítmico no tampo e no bordão, com a iluminação projetando uma caveira na face serena e grave, como a voz.

Quando ele fala "vontade de mijar", nesse ambiente soturno criado pela iluminação e pelo tom da interpretação, parte da platéia parece ter visto na referencia fisiológica uma espécie de senha para gargalhar. E volta à carga em outros momentos da letra, criando uma situação absurda, surreal de descompasso com o momento. Enquanto parte da platéia continha o pranto

diante de uma das canções mais belas e assustadoras do nosso cancionero, outra parte via naquele gesto apenas uma pilhéria, uma piada (de mau gosto?).

Outro momento sublime do show é quando Gil faz uma versão absolutamente agustiante de "Lamento Sertanejo" acompanhado apenas pelo seu violão e pelo violoncelo de Jacques Morelembau. Nó na garganta!

O ex-ministro reconciliou-se definitivamente com o compositor e isso fica patente na única inédita apresentada durante o show: a bela "Eu Descobri". A impressão é que o artista-militante precisava passar pela experiência de gestão no Ministério da Cultura para concluir um projeto iniciado há mais de 40 anos com o Movimento Tropicalista. O projeto tropicalista, com efeito, possuía um caráter político latente que não pôde ser desenvolvido pelas limitações do contexto histórico e pela falta de maturidade, paciência ou mesmo vocação dos protagonistas naquele momento. Mas o que é o "Do In Antropológico", a campanha pelo software livre e a revolução da cultura digital empreendida pelos

cyberativistas, a democratização do acesso e participação da sociedade civil na construção das políticas públicas para a cultura, senão um desdobramento natural do conteúdo programático do tropicalismo num âmbito mais largo?

Sei que é um privilégio para nossa geração a oportunidade de assistir um artista da estatura do Gil nesse momento de carreira. Saímos todos (ou quase todos!) do teatro ontem inspirados e de alma lavada. Valeu Gil!